

# Poesia e tecnologia: os desafios da escola dos dias atuais

---



ROSILENE DE FÁTIMA KOSCIANSKI DA SILVEIRA  
ELIANE DEBUS  
FERNANDO JOSÉ FRAGA DE AZEVEDO

## Considerações iniciais

A nossa sociedade vive um momento de intenso aparelhamento tecnológico. A criança nascida nesse contexto faz uso cada vez mais precocemente dos diversos recursos midiáticos de forma naturalizada. Ela tem à disposição diferentes suportes de informação e de interação, como a televisão, o telefone móvel (versão *smartphone*), o computador com acesso à Internet, os *tablets* de diversos modelos, ferramentas essas cada vez mais sofisticadas que a conectam ao mundo de forma imediata e quase ilimitada. O mundo da tecnologia está entrelaçado com a vida dessa criança de maneira intensa, alargando as fronteiras do seu ser e permitindo diferentes formas de acesso à informação, à comunicação e à interatividade. Essas ferramentas da tecnologia são imprescindíveis ao sujeito contemporâneo, e a geração que cresce nesse contexto mostra maior intimidade com os diferentes suportes midiáticos dos quais faz uso constantemente.

O presente texto tem por objetivo refletir acerca da presença do texto poético na escola e as possíveis formas de promover e potencializá-lo, levando em conta o aparato tecnológico que a sociedade dos dias atuais nos disponibiliza. É parte de um estudo com crianças que trata da relação infância e poesia, realizado no âmbito do Doutorado em Educação<sup>1</sup> na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A captura empírica ocorreu entre outubro de 2013 e junho de 2014, na Escola de Educação Básica Irmã Edviges, pertencente à rede pública estadual, situada em Criciúma, cidade do sul catarinense. Contou com a participação de vinte crianças, estudantes de 3º a 5º anos dos anos iniciais da Educação Básica. Essas crianças participaram dos encontros (poéticos) em horário de contraturno escolar. A metodologia utilizada é denominada “espaços de narrativa”, conforme Maria Isabel Leite (2008), é um procedimento caracterizado pela realização de encontros planejados e sistematizados entre observador e sujeitos, empregando estratégias de natureza etnográfica e diferentes instrumentos para captura de dados em campo. Foram realizados oito encontros que, por sua vez, ocorreram na sala de aula, na biblioteca e/ou na sala informatizada, utilizando os computadores com acesso à Internet.

A incursão na sala informatizada ofereceu a possibilidade de explorar textos poéticos disponibilizados para leitura na *web*, em especial a literatura digitalizada presente nos *sites* e *blogs* criados para fins de sua difusão. Dentre as atividades propostas e realizadas pelo grupo uma delas foi a busca por poemas, poetas e poesia no espaço da *web*; ler, ouvir e fruir poesia utilizando o computador com acesso à Internet como suporte. A tecnologia, aliada à ação docente, amplia e democratiza o acesso à leitura literária apresentando textos, imagens e sons que convidam o leitor a interagir dialógica e responsivamente. Essas leituras contribuem para a construção de significados, para a formação de leitor crítico, para a compreensão do ser e estar no mundo e, principalmente, para o domínio das ferramentas, e para a não submissão a elas.

---

<sup>1</sup> A pesquisa contou com o financiamento do Programa do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES/UNIEDU) no Brasil; e, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Estágio Científico Avançado (Doutorado Sanduíche), em Portugal.

## Os nossos alunos: a geração dos “nativos digitais”

Marc Prensky (2001) chama de “nativos digitais” os sujeitos nascidos na era de grande desenvolvimento das tecnologias digitais, crianças, jovens e adultos que recorrem às fontes da *web* em primeiro lugar para obter toda e qualquer informação. O autor destaca algumas características marcantes dessa geração, como ser capaz de realizar multitarefas em processos paralelos; preferir os gráficos antes do texto e não o contrário; preferir o acesso ao aleatório (hipertexto); “funcionar” melhor em rede; preferir o jogo ao trabalho “sério”; entre outras. Segundo Prensky (2001), os alunos dos dias atuais são os falantes nativos da linguagem digital dos computadores, da Internet, dos *games* e de todo aparato tecnológico a que têm acesso e os manipulam com domínio e agilidade. As características que o autor assinala podem, em graus diferenciados, ser observadas nos meninos e nas meninas que estão no aqui e agora de nossas salas de aula. O discurso dessas crianças é marcado pela linguagem digital, falam da *web* como parte de sua vida social em rede, e, se necessário, tentar burlar o sistema<sup>2</sup> para ter acesso ao Facebook e a outras redes sociais.

O grupo de crianças participantes desta pesquisa, 8 meninos e 12 meninas, com idade entre 8 e 12 anos, compartilha esse modo “moderno” de ser sujeito. Sou “Rafaela [...] Tenho 10 anos e estou no 5º, pena que não largo a Internet e a vida moderna.”<sup>3</sup> Assim se apresenta a menina. A modernidade aparece no seu discurso como expressão de um modo de ser e de agir e da necessidade de conexão em tempo integral; o lamento: “pena que não largo a Internet e a vida moderna” é o eco da voz adulta, dos sujeitos chamados por Prensky (2001) de “imigrantes digitais”, pessoas que, embora estejam se adaptando cada vez mais ao contexto digital, utilizem a *web* para

---

<sup>2</sup> As crianças participantes desta pesquisa contam que precisam alterar suas datas de nascimento para poder obter contas no Facebook, que exige mínimo de 13 anos.

<sup>3</sup> Autoapresentação das crianças. As crianças são apresentadas com seus nomes próprios com autorização delas e de seus responsáveis legais. Essa opção se pauta no fato de não incidir em risco de qualquer natureza, tanto na publicação dos nomes quanto daquilo que se diz e registra. Sobre essa opção metodológica, ver “Autoria e autorização”, em Kramer (2002).

obter informações, fazer suas pesquisas e usar as redes sociais, ainda precisam imprimir textos ou documentos ou ligar para saber se o interlocutor recebeu seu *e-mail*. Os “imigrantes digitais” olham para a conexão ininterrupta dos nativos com certa desconfiança, temendo que esse modo de ser e se fazer sujeito possa comprometer a sua formação no sentido amplo.

Por outro lado, a tecnologia se apresenta como objeto absolutamente indispensável na vida cotidiana de adultos e de crianças, imigrantes ou nativos digitais. Para esse grupo de crianças, trata-se de ferramentas presentes “naturalmente” na sua vida. Quando sugerimos que elas trouxessem poesia para os encontros, elas foram buscá-las na Internet. Entre as coisas que elas mais gostam estão “poesia, Internet, escrever, ler, sair e [se] divertir”;<sup>4</sup> elas fazem das redes sociais o ponto de encontro, têm “Facebook e amigos bem legais”;<sup>5</sup> e têm o telefone celular como um brinquedo muito desejado e, se já o possuem, então é o “mais amado”,<sup>6</sup> por possibilitar o acesso à *web*, aos jogos e ao Facebook.

Ao dialogarmos com os meninos e meninas do tempo presente, percebemos no seu jeito de ser e agir que as práticas educativas precisam levar em conta as características desse aluno “nativo digital” e incorporar a tecnologia à ação docente. Diversos investigadores têm afirmado a importância de observarmos o papel da educação no cenário digital e vice-versa. É preciso perceber o perfil dos leitores que está se constituindo (BALÇA, 2011); fazer uso das mídias na educação de maneira transdisciplinar, integradora e transversal e não somente como um recurso isolado de tecnologia com um fim em si mesmo (OROFINO, 2005); modificar algumas estratégias de trabalho dentro e fora da escola, no presencial e no virtual, ampliando o diálogo; receber, produzir e compartilhar mensagens com interlocutores diversos (MORAN, 2002); incorporar a potencialidade da cibercultura e explorar o uso das mídias digitais como dinâmicas que “[...] possibilitam o desenvolvimento da inteligência coletiva, da colaboração e da coprodução e que, por sua vez, podem gerar novos conhecimentos a serem compartilhados.”

---

<sup>4</sup> Letícia Ronsani Martins.

<sup>5</sup> Letícia de Souza Simão.

<sup>6</sup> Cauã Medeiros da Silva.

(SOUZA, 2016, p. 211). Os nossos alunos já estão imersos no ciberespaço, e a educação dessas crianças precisa ser pensada como processo amplo e contínuo de constituição de um leitor-autor que não apenas se beneficia das inovações tecnológicas, mas que se torna participante ativo (autor) na produção do conhecimento, intercambiando suas experiências e descobertas.

## O espaço-tempo da conexão e a leitura literária/poética

O conceito de ciberespaço é de Pierre Lévy (1999), caracterizado como um universo oceânico de saberes “alimentado” por seres humanos que nele navegam e potencializam o que o autor chama de “inteligência coletiva”, uma cibercultura de fluxo caótico. Rosa Maria Bueno Fischer (2000) destaca a importância desse espaço conflitivo e contraditório pelo qual circulam saberes e práticas e se constroem discursos e poderes, para a formação de subjetividades. Nesse sentido, esse espaço utilizado intensamente por nossos alunos “nativos digitais” precisa tornar-se um caminho para ressignificar

[...] o mundo através da produção de conhecimentos e para o investimento na autoria das crianças e adolescentes [...] que contribua com uma pedagogia de ampliação de vozes, de construção de visibilidade, da esperança e do reencantamento do espaço escolar. (OROFINO, 2005, p. 31).

Essas afirmações são válidas de modo geral, pois o espaço da *web*, como suporte, abarca os diversos campos da nossa cultura, entre os quais está a literatura, a poesia, o que amplia a possibilidade de acesso a leituras.

Edgar Roberto Kirchof (2009, p. 49) trata da “literatura na era digital” como uma revolução relativamente recente. De modo simples e didático, o autor explica que existem “[...] até o momento, cinco possibilidades diferentes de manifestação de textos literários em ambiente digital: literatura digitalizada, editoração colaborativa, escrita colaborativa, literatura hipertextual, literatura hipermediática”. A popularização da Internet fez surgir e

aprimorar os experimentos no ambiente digital, e em cada uma dessas formas estão propostas leituras, e algumas delas apontam para uma interatividade colaborativa e coautorial. Tudo isso modifica nossa forma de lidar com a leitura (literária/poética) e amplia as possibilidades de acesso e interação, como explica a pesquisadora Tereza Colomer:

As relações entre os conteúdos da mensagem, o código (oral, escrito e visual) em que se produzem e o meio de comunicação que os transmite são muito variadas e todos os sistemas de representação simbólica colaboram nas vantagens proporcionadas por uma língua escrita no momento de sua invenção: a possibilidade de constituir uma memória colectiva e uma comunicação maior graças à superação dos limites impostos pela necessidade da presença física dos interlocutores. As novas possibilidades de conversação e distância tornaram possíveis níveis de análise e abstrações da linguagem que determinaram um grande progresso do conhecimento e que se encontram na base do desenvolvimento científico e cultural das nossas sociedades. (COLOMER, 2003, p. 160–161).

A experiência de leitura literária/poética é ainda incipiente no mundo digital também por estar em vias de criação e categorização. Kirchof (2009) explica que a consubstanciação de uma literatura digitalizada se faz a partir dos recursos que as mídias digitais oferecem, e algumas categorias preservam os traços da literatura impressa, os *e-books* são exemplos, pois, embora produzidos a partir de recursos eletrônicos, utilizam a estrutura linear dos livros impressos. Outras formas de produção, estruturação e compartilhamento da linguagem literária tornam-se possíveis a partir dos recursos disponibilizados pelos meios digitais, que, quanto à denominação, ainda não se chegou a um consenso. Há uma tendência, segundo o autor de:

[...] utilizar o conceito *literatura digital* como categoria geral – que abarca tanto os textos com estrutura linear quanto os textos não lineares –, delimitando as categorias mais específicas da literatura hipertextual – baseada em recursos de não linearidade proporcionadas pelos *links* eletrônicos – e a *literatura hipermidiática* – baseada em

recursos multimidiáticos, que agregam diferentes linguagens. Por outro lado, é necessário esclarecer que grande parte dos experimentos realizados fazem uso de ambos os recursos, simultaneamente. (KIRCHOF, 2009, p. 50, grifo do autor).

Voltando a referenciar a empiria da pesquisa, a incursão na sala informatizada nos deu a possibilidade de explorar algumas poesias disponibilizadas para leitura na *web*, em especial na categoria “literatura digitalizada”. Nessa modalidade, os textos produzidos tradicionalmente são digitalizados posteriormente. Muitos clássicos da literatura podem ser acessados dessa maneira, pois estão disponíveis, e essa forma não altera a estrutura das obras (KIRCHOF, 2009). A literatura digitalizada está presente nos *sites* e *blogs* criados para fins de sua difusão. A (nossa) busca por poemas, poetas e poesia na *web* se realizou na sala informatizada da escola, o que fez o ritmo do encontro ser diferente, mas nem por isso menos “poético”. A experiência de ler, ouvir e fruir a poesia prosseguiu utilizando outro suporte: o computador com acesso à Internet. Ao adentrar a sala de informática, os meninos e meninas não ficaram esperando instruções para iniciar a busca. Foram logo se instalando rapidamente em um dos computadores, acessando a Internet e iniciando a pesquisa por meio das palavras “poesia”, “poemas” e/ou o nome de alguns poetas ou poemas conhecidos.

## O acesso ao acervo literário/poético

Alguns *sites* e *blogs* foram visitados pelo grupo. O *blog* da professora Silvana Nunes (2009), “Meu caderno de poesias”<sup>7</sup>, no qual pudemos ler os poemas e ver as imagens de alguns poetas, como Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Cora Coralina, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Casimiro de Abreu, entre outros. Em um *site* de letras de músicas<sup>8</sup>,

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://blogdasilnunes.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86509/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

encontramos Vinicius de Moraes com seu poema “Bom dia, amigo” e mais vinte poemas musicalizados, entre os quais estão: “A rosa de Hiroshima”, “A casa” e o “Canto de Ossanha”. Nesse endereço eletrônico encontramos também “No meio do caminho”, de Drummond, declamado em vários idiomas. No *Blog* As poesias que leio<sup>9</sup>, da professora paraibana Gilsa Elaine, encontramos muitos poemas, poemas e a indicação de caminhos para outros *sites* e *blogs* seguidos por ela, que nos levavam a outras fontes poéticas. Foi ali que reencontramos Pablo Neruda, com: “Saberás que não te amo e que te amo./Porquanto de dois modos é a vida,/a palavra é uma asa do silêncio,/o fogo tem sua metade fria [...]”. Esse poema foi declamado na íntegra por João Marino Vieira, poeta que participou de dois encontros com o grupo. Quisemos lê-lo, ouvi-lo e fruí-lo novamente. As crianças preferiram fazer a leitura em voz alta de alguns poemas que encontravam, e principalmente daqueles que reencontravam – foi o caso de “No meio do caminho”, “A poesia é uma pulga”, “Os poemas”, “Baile no sereno”<sup>10</sup> e “Infinito amor”.

O passeio pelos *sites* e *blogs* poéticos surpreendeu as crianças principalmente pela quantidade de poemas disponibilizados ao público. O Dionatan acessou o “Pensador”, que disponibiliza frases, pensamentos e poemas de diversos escritores. Ali ele encontrou um poema sobre a amizade<sup>11</sup> e outro chamado: “Mensagem de despedida de amigo”<sup>12</sup>, ambos de autoria desconhecida, e quis ler os dois poemas para o grupo. Contudo, o que o deixou muito entusiasmado foi encontrar os mais de quatrocentos poemas de Mario Quintana<sup>13</sup>. Dionatan leu alguns poemas e quatro deles, “Bilhete”, “Do amoroso esquecimento”, “Da felicidade” e “Da descrição”, copiou e colou no *Blog* Professora Rosi. Ao final do encontro, o menino tornara-se um

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://curtapoesia.blogspot.com.br>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://poesiaparacrianca.blogspot.com.br/2010/07/baile-no-sereno.html>>. Acesso em: 27 ago. 2016

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTUyNzcx/>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

<sup>12</sup> Disponível em: <[http://pensador.uol.com.br/mensagem\\_de\\_despedida\\_de\\_amigo/](http://pensador.uol.com.br/mensagem_de_despedida_de_amigo/)>. Acesso em: 23 jan. 2015.

<sup>13</sup> Em 2 de dezembro de 2016, o *site* apresentava cerca de 432 poemas de Mario Quintana. Disponível em: <[https://pensador.uol.com.br/autor/mario\\_quintana/](https://pensador.uol.com.br/autor/mario_quintana/)>. Acesso em: 14 nov. 2016.



“amigo de infância” do poeta e apontava os preferidos, entre a infinidade de versos que encontrou, entre os quais apresentamos os poemas destacados pelo menino:

### **Bilhete**

Se tu me amas, ama-me baixinho  
Não o grites de cima dos telhados  
Deixa em paz os passarinhos  
Deixa em paz a mim!  
Se me queres,  
enfim,  
tem de ser bem devagarinho, Amada,  
que a vida é breve e o amor mais breve ainda...

### **Do amoroso esquecimento**

Eu agora – que desfecho!  
Já não penso mais em ti...  
Mas será que nunca deixo  
De lembrar que te esqueci?

### **Da felicidade**

Quantas vezes, a gente em busca da ventura  
Procede tal e qual o avozinho infeliz:  
Em vão, por toda parte, os óculos procura  
Tendo-os na ponta do nariz.

### **Da discrição**

Não te abras com teu amigo  
Que ele um outro amigo tem.  
E o amigo do teu amigo  
Possui amigos também.

O tempo na sala informatizada, com duração igual aos encontros anteriores, de uma hora e trinta minutos, nos possibilitou leituras, algumas individuais, outras compartilhadas, e passou rápido demais. Era preciso desligar os computadores e encerrar o expediente, mas os meninos e meninas

queriam continuar a busca e as leituras. Antes de sair, Vanessa ainda pediu: “Espera um pouco, deixa eu ler o ‘Soneto do amigo’<sup>14</sup>, do Vinicius de Moraes?”

### **Soneto do amigo**

Enfim, depois de tanto erro passado  
Tantas retaliações, tanto perigo  
Eis que ressurgue noutro o velho amigo  
Nunca perdido, sempre reencontrado.

É bom sentá-lo novamente ao lado  
Com olhos que contêm o olhar antigo  
Sempre comigo um pouco atribulado  
E como sempre singular comigo.

Um bicho igual a mim, simples e humano  
Sabendo se mover e comover  
E a disfarçar com meu próprio engano.

Um amigo: um ser que a vida não explica  
Que só se vai ao ver outro nascer  
E o espelho de minha alma multiplica...

Além das visitas às páginas que “guardam” a poesia na *web*, solicitamos que os meninos e meninas registrassem, no espaço virtual, suas leituras e impressões do encontro com os poetas, com poemas e com a poesia, e o suporte indicado para o registro foi o *Blog*<sup>15</sup> Professora Rosi. Esse *blog* foi criado como “[...] espaço para escrever e pensar, compartilhar e fruir algumas experiências com a linguagem literária. É o lugar dos poemas e das histórias.” (SILVEIRA, 2009). Desde então, tem sido usado como forma de leitura e de partilha, em especial da poesia, uma ferramenta pedagógica que possibilita o registro de algumas das experiências educativas que acabam por

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.letras.com.br/vinicius-de-moraes/soneto-do-amigo>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://rosilinguagens.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

extrapolar os muros da escola. Uma das atividades realizadas consiste em postar um poema, referenciando o autor, e propor às crianças que façam leituras e comentários. Algumas vezes elas não postam apenas comentários, mas escrevem outros poemas, inspiradas nas leituras que fazem – e daí deriva a nossa forma de entender a leitura poética realizada pela criança como uma leitura autoral. O poema “O que tem a rosa”, de Eloí Bocheco (2012, p. 12), postado em 20 de julho de 2015<sup>16</sup>, por exemplo, registrou, dentre os trinta e um comentários, oito poemas elaborados pelas crianças.

O *blog* como um diário eletrônico, tem sido bastante utilizado por professores e alunos para postagens de pequenos textos e imagens. Márquez (2016) destaca seu uso como ferramenta para promover a leitura e distribuir conhecimento, favorecendo especialmente aqueles conteúdos que não estão disponíveis em livros (formato de papel). Nesse sentido, diversificam-se e ampliam-se as oportunidades de acesso e distribuição de conhecimento. É um recurso de fácil manuseio que permite a edição de textos e de imagens, o compartilhamento de endereços (*sites* e *blogs*) e possibilita que os visitantes possam interagir, postando seus comentários de modo anônimo ou identificado, de acordo com as suas contas de usuário. Além disso, todo registro da produção escolar fica (potencialmente) disponibilizado ao público, e a criança tem consciência disso. Dessa forma, a escrita que ela compartilha, desde um comentário sobre um texto até a criação de um poema, é não apenas analisado por ela, avaliado se pode ir a público, como a própria apresentação estrutural do texto escrito (palavras escritas corretamente, composição das frases) é observado em diálogo com o seu professor.

As mídias digitais estão cada vez mais presentes em nossa vida, nos possibilitando acesso imediato a um acervo gigantesco de informações e conhecimento. Cresce, a cada dia, o acervo de obras literárias disponibilizadas gratuitamente ao público. Contudo, Kirchof (2009) explica que o auge da empolgação com o hipertexto se deu na década de 1990 e surgiu como uma alternativa ideal no campo social e literário, mas essa perspectiva bastante otimista sofreu algumas alterações “[...] baseada[s] em dois principais

---

<sup>16</sup> Disponível em: <[http://rosilinguagens.blogspot.com.br/2015\\_07\\_01\\_archive.html](http://rosilinguagens.blogspot.com.br/2015_07_01_archive.html)>. Acesso em: 1º nov. 2016.

argumentos: até o momento a literatura digital não tem sido capaz de captar um número expressivo de leitores; [e] a qualidade estética e literária de grande parte das produções disponíveis não parece ainda tão elevada quanto se havia esperado.” (KIRCHOF, 2009, p. 52). Além disso, afirma o autor, a era do livro impresso não chegou ao fim. Nesse sentido, o (nosso) processo de letramento literário/educação literária vai continuar se “nutrindo” da tradição organizada linearmente, do cheiro do livro impresso em papel e de suas letras estáticas, que nos “observam” e “aguardam” pacientemente, mas também do espaço da cibercultura, com os seus *e-books* digitalizados, as imagens, os sons e os movimentos. Ambos, literatura impressa ou digitalizada, requerem, sobretudo, formação dos (seus) leitores.

Como mediadores da leitura literária/poética, temos uma tarefa a mais: precisamos também prestar atenção no modo como o texto sai do livro e entra no espaço virtual. Percebemos que muitos dos poemas que as crianças transcreveram da Internet não eram fidedignos à criação do poeta e à publicação original. Um dos exemplos que mais chamou a atenção foi o do poema “As abelhas”, de Vinicius de Moraes (2004, p. 43), que, em alguns espaços virtuais, consta com a primeira estrofe alterada: as palavras “abelha”, “as”, “todas” e “ir” aparecem sem a repetição da primeira vogal presente na versão publicada em livro. Isso muda a sonoridade e o ritmo da leitura, alterando o poema.

Roxane Rojo (2012) trata da formação de leitores na perspectiva dos multiletramentos, conceito que, por sua vez, amplia a própria concepção de leitura literária, incorporando, além da escrita, as imagens estáticas ou em movimento e os sons que convidam o leitor a dialogar e a atuar interativa e responsivamente na maneira como acessam e compartilham conhecimentos e informações, de modo instantâneo. Assim, se a poesia, os poetas e os poemas estão presentes no universo midiático e se oferecem de variadas formas aos seus leitores, podemos fazer desse espaço um caminho efetivamente facilitador do contato entre a criança e a poesia, uma das formas de conhecer, de se aproximar de obras literárias, clássicas ou não, que contribuem para a estruturação do universo estético e da cultura escrita. No entanto, é preciso ter a percepção de que as crianças não farão essa busca por iniciativa própria, mas por uma educação provocadora, reflexiva e emancipatória que mostre a

elas a poesia existente. Para citar apenas alguns exemplos da empiria, dificilmente, sozinhos e por suas próprias iniciativas, o Cauã encontraria a “Tempestade” de Henriqueta Lisboa, o Dionatan se tornaria “íntimo” de Mario Quintana e a Vanessa encontraria um *blog* com 222 poemas de Vinicius de Moraes, insistindo para que esperássemos para ouvir o soneto do poetinha. O leitor literário não se faz ao acaso. Essas crianças encontraram os poemas porque um “convite” lhes foi feito.

## Considerações finais

No livro impresso ou no *e-book*, a leitura poética está por ser feita mais intensamente, individual ou coletivamente. “Os poemas são pássaros que chegam/não se sabe de onde e pousam/no livro que lê.” (QUINTANA, 2005, p. 469). Esses pássaros estão pousando em galhos virtuais também. As mídias digitais ampliam o acesso, mas não mudam a essência da poesia, como anuncia confiante o poeta:

A técnica muda a poesia e a mudará cada vez mais. Não poderia ser diferente: sua intervenção afeta tanto a transmissão e a recepção de poemas como os métodos para compô-los. Mas essas mudanças, por mais profundas que nos pareçam, não a desnaturam. Ao contrário, devolvem-na à sua origem, ao que ela era a princípio: palavra falada, compartilhada por um grupo. (PAZ, 2012, p. 327).

Acreditamos – não somente nós – que a *web* é uma das fontes de acesso e, por decorrência, de democratização da poesia, que já devíamos conhecer, “[...] se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular.” (CANDIDO, 2004, p. 32). Temos direito à poesia e precisamos agir na direção em que esse direito possa ser atendido. Lajolo (1994, p. 106) destaca a literatura como fundamental na formação humana: “É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e

comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute simbolicamente seus impasses, seus desejos, suas utopias.” Para a autora, a literatura precisa fazer parte do currículo escolar e contribuir para que o cidadão possa exercer plenamente a sua cidadania.

É preciso investir permanentemente na formação do leitor de modo geral e do leitor literário em especial. Esse é um processo longo, que requer perseverança. O texto poético, esteja ele no livro impresso ou no suporte digital, jamais pode ser usado para outros fins que não “[...] a fruição estética, símbolo da liberdade, jogo de significados, música que eleva o espírito, brincadeira, objeto de prazer.” (LOPES, 2015, p. 19). É esse movimento, com aparente gratuidade, que provoca a busca por mais leituras, informações e aprendizados. O “nativo digital” vai buscar a “sua” poesia no âmbito da tecnologia; e, conforme afirmamos anteriormente, é nas leituras de modo geral, também naquelas realizadas no espaço virtual que se dá a construção de significados, a formação do leitor crítico, a compreensão do sujeito no seu ser, estar e agir no mundo e, principalmente, o efetivo domínio das ferramentas tecnológicas, e a não submissão a elas.

## Referências

BALÇA, Ângela. Educação literária: a voz da literatura nas narrativas publicitárias. *In*: AZEVEDO, Fernando José Fraga de. *et al.* (Org.).

**Globalização na literatura infantil**: vozes, rostos e imagens. Raleigh: Lulu Enterprises, 2011. p. 19–34.

BOCHECO, Eloí Elisabet. **Cantorias de jardim**. Ilustrações de Elma. São Paulo: Paulinas, 2012.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus – Sociedade de Editores, 2004.

COLOMER, Teresa. O ensino e a aprendizagem da compreensão em leitura. *In*: LOMAS, Carlos. **O valor das palavras I**: falar, ler e escrever

nas aulas. Tradução de Rui Vieira de Castro e Lourdes Dionísio. Porto: Asa, 2003. p. 159–178.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, estratégias de linguagem e produção de sujeitos. *In*: CANDAU, Vera Maria. **Linguagens, espaços e tempos de aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 75–88.

KIRCHOF, Edgar Roberto. O desaparecimento do autor nas tramas da literatura digital: uma reflexão foucaltiana. **Signo**, Santa Cruz do Sul, . 34, n. 56, p. 47–63, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41–59, jul. 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa – onde o eu e o outro marcam encontro. *In*: CRUZ, Silvia Helena Vieira. (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 118–140.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1512145/mod\\_forum/attachment/336034/cibercultura%20-%20Levy.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1512145/mod_forum/attachment/336034/cibercultura%20-%20Levy.pdf)>. Acesso em: 3 nov. 2016.

LOPES, José de Souza Miguel. Poesia na escola. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 21, n. 121, p. 12–19, jan./fev. 2015.

MÁRQUEZ, José Gregorio González. **Vida y poesia**: la promoción de textos poéticos em el aula. Mérida: [s.n.], 2016.

MORAES, Vinicius. **A arca de Noé**. Ilustrações de Nelson Cruz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

MORAN, José Manuel. Gestão inovadora com tecnologia. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Formação de gestores escolares para utilização de tecnologias de informação e comunicação**. Brasília, DF: Takano, 2002. p. 63–70.

NUNES, Silvana. **Meu caderno de poesias**. 2009. Disponível em: <<http://blogdasilnunes.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, 2005.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Tradução de Ari Ritman e Paulina Wacht. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PRENSKY, Marc. Digital natives e digital immigrants. **On the horizon**, MCB University Press, v. 9, n. 5, p. 1–6, out. 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005.

ROJO, Roxane Helena R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: \_\_\_\_\_; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11–31.

SILVEIRA, Rosilene de Fátima Koscianski da. **Professora Rosi**. 2009. Disponível em: <<http://rosilinguagens.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

SOUZA, Terezinha Fernandes Martins de. **Ondas em ressonâncias**: letramentos digitais de estudantes na Universidade Aberta de Portugal. 2016. 364 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.